

PORTUGAL I

Para nossos amigos Rui e Isabel, estamos em Portugal num período muito interessante: em meio a uma crise que deverá levar o país e a sociedade a se repensarem. Não se trata de uma crise apenas econômica, o que já seria bastante, mas de algo mais profundo que exige que a história recente de Portugal, desde sua entrada na União Européia seja revisitada.

O ingresso de recursos da União levou a uma onda de investimentos em infraestrutura com vistas a uma equiparação ao padrão europeu, muitas vezes acima das demandas e agora um estrangeiro é capaz de sentir que há mais estradas ou quadras esportivas ou áreas de lazer do que gente para utilizá-las.

Essa tendência acompanhou-se de entrada de recursos econômicos enviados por portugueses ou seus descendentes que nas décadas do pós-guerra foram trabalhar na França e na Alemanha, sobretudo, e, nas duas últimas décadas, construíram casas de médio e alto padrão em suas cidades e aldeias de origem, com a finalidade de voltar um dia (o que nem sempre aconteceu) ou de ter onde estar em sua terra natal nos períodos de férias.

Por outro lado, as perspectivas neoliberais, num governo ou outro sustaram as inversões em políticas sociais, sem efetivamente sanear os abusos do poder público ou a implementar um mínimo de racionalidade ao serviço público.

O que resulta é um Estado que parece pesado demais, para um país super equipado e pouco povoado. Essa é a sensação principal que temos agora em Portugal: a de um país um esvaziado, na sua relação com as disponibilidades de meios de vida. Isabel informou que, após o começo da crise, emigraram 100 mil portugueses, em busca de

trabalho, o que é muito porque significa uma saída de 1% do total da população em menos de um ano.

A taxa de desemprego está próxima de 18% (os dados oficiais da vizinha Espanha atingem os 22,5%), o que quer dizer que, a cada cinco pessoas, quase uma está desempregada. É muito. Este índice fica parecendo mais significativo, porque suponho (apenas suponho, pois não tenho informação sobre o tema) que a taxa é maior entre os jovens, ou seja, quem já estava empregado, sobretudo o grande número de servidores públicos tem trabalho, apesar dos cortes, como ocorreu em 2011, quando houve diminuição de 10% ao mês nos salários e não receberam o 13º., mas têm trabalho. Os jovens, por outro lado, não conseguem, sequer, entrar no mercado de trabalho.

Dona Licínia e Seu Alberto, nossos locadores, um casal na faixa entre 65 e 70 anos, têm três filhos: o mais velho está em tratamento psiquiátrico, o segundo é antropólogo e está concluindo o doutorado (ainda sem qualquer perspectiva de trabalho) e o terceiro é arquiteto, não tem emprego e é casado com uma *designer* também sem trabalho, por isso toda a família vivem das aposentadorias dos pais, de trabalhos esporádicos e da casa que é alugada para o turismo, como ela mesmo explicou. Já há casos de jovens bem qualificados que estão buscando trabalho na Inglaterra, outros no Brasil...

Pergunto a Isabel como se sentem os jovens, num contexto como este, e ela é bastante esclarecedora: diferentemente da geração que nos antecedeu, que viveu a guerra e da nossa própria geração, que cresceu na carreira e de padrão socioeconômico, nos anos de 1970 e 1980, quando o consumo ainda não havia se generalizado, a atual geração de jovens, acostumada mais ou menos por nós, já cresceu com tudo e, sequer, tem condições de compreender o que estaria perdendo ou deixando de ganhar.

Enfim, esse é o Portugal que encontro, acentuando-se a tendência desta sociedade de ser melancólica, ou seja, o fado lhes representa cada vez melhor.